

OVELHINHA VERMELHA

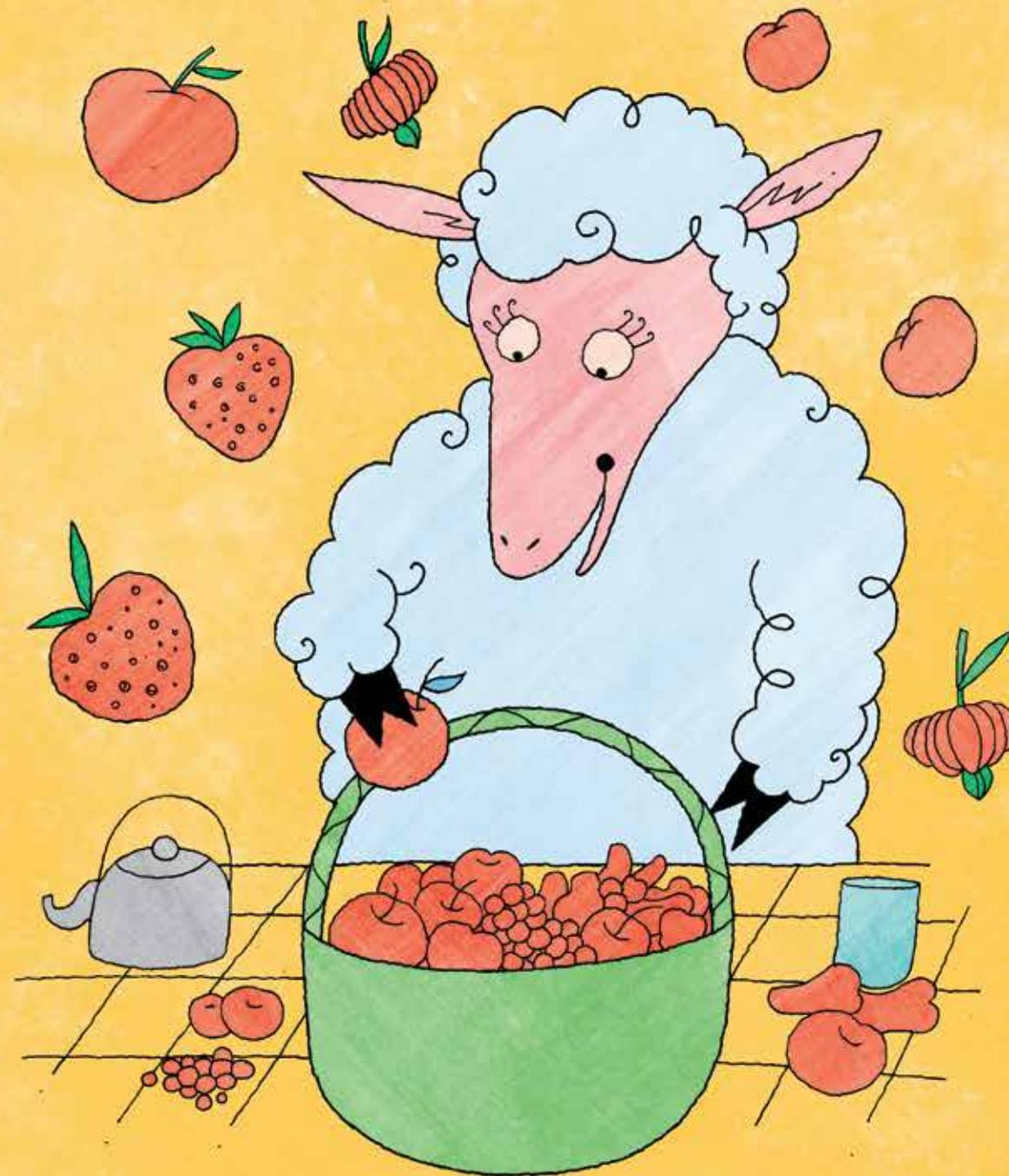
Reconto de Chapeuzinho Vermelho



Era uma vez uma ovelhinha conhecida como Ovelhinha Vermelha porque seu pelo era vermelho como sangue. Seu nome verdadeiro ninguém mais lembrava, nem a própria mãe ovelha. Aliás, a ovelha mãe também esqueceu o próprio nome de tanto lhe chamarem de mãe da Ovelhinha Vermelha. Ovelhinha Vermelha tinha uma ovelha avó.

Um dia, Dona Ovelha preparou uma cesta de frutas vermelhas: morango, pitanga, acerola, maçã, jambo e todas as frutas vermelhas que existiam no sítio.

– Ovelhinha, Ovelhinha Vermelha, vá levar essas frutas vermelhas para sua ovelha avó!



De repente, chega a Ovelhinha Vermelha, vermelha de tanto correr no sol.

– Mamãe, mamãe, descobri uma alcateia no caminho da fazenda.

– Lobos na fazenda! Então vá para a casa da vovó ovelha pela trilha do rio. Cuidado, os lobos vivem em alcateia.

A Ovelhinha Vermelha pegou a cesta de frutas vermelhas e saiu cantando...



Ia pela trilha do rio quando apareceu na sua frente um lobo enorme, de pelo avermelhado e olhos encarnados.

– Bom-dia, linda ovelhinha, disse o Lobo com voz doce.

– Socorro! Socorro! Você é um lobo e lobo devora ovelhas e ovelhinhas...



– Não, ovelhinha, eu sou um lobo herbívoro! Não como carne, só legumes, verduras, frutas...

– A nossa família também é herbívora, disse Ovelhinha Vermelha, acreditando no Lobo.

– Qual é o seu nome, linda ovelhinha?

– Me esqueci, mas todo mundo me chama Ovelhinha Vermelha, porque meu pelo e minha carne são vermelhos como sangue.

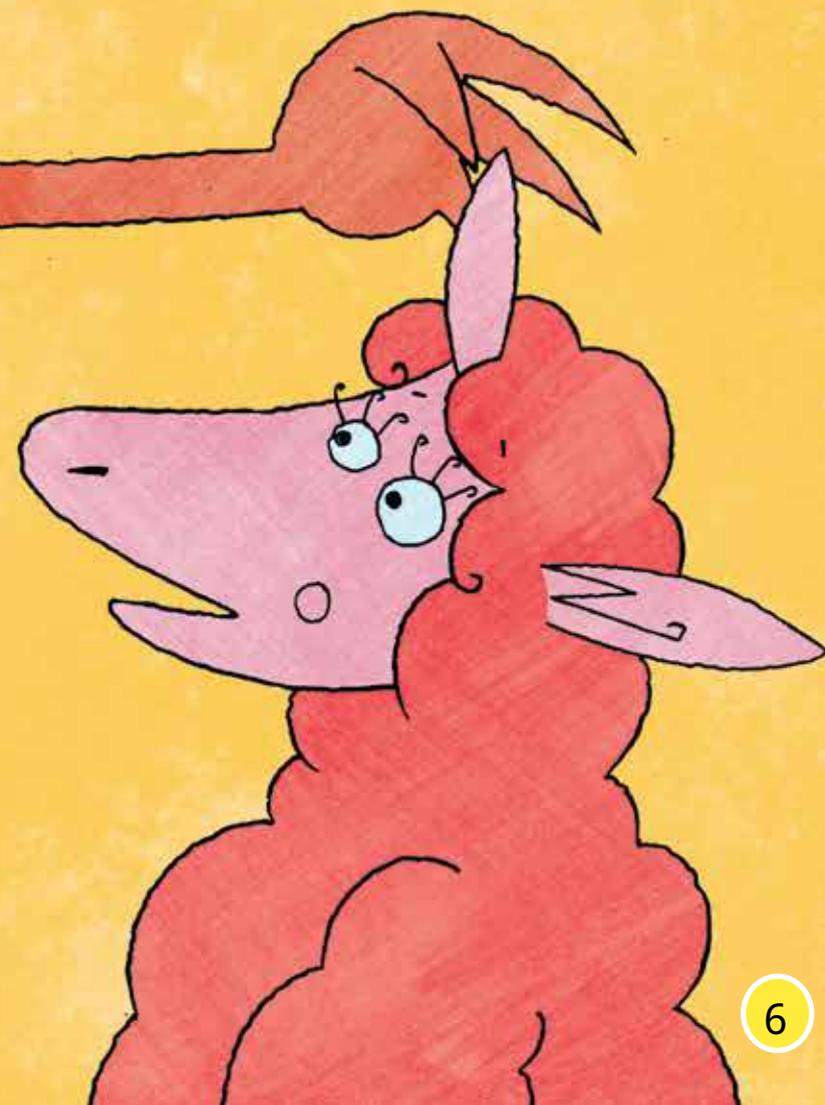
“Hum! Carne, carne vermelha, vermelhinha! Carne de ovelha é meu prato predileto”, pensou o Lobo.

– Diga-me, ovelhinha, aonde está indo assim tão só?

– Vou visitar minha vovó ovelha.

– Onde mora sua avó?

– Na fazenda, num curralzinho de janelas vermelho-claras e telhado vermelho-escuro.



O Lobo teve uma ideia e disse para Ovelhinha Vermelha:

– Vamos fazer uma aposta para ver quem chega primeiro ao curral da sua vovó ovelha?

– Eu irei por aquela trilha da esquerda e você por essa da direita!

– Um, dois, três e já!, gritou o Lobo e saíram correndo.

Conhecendo a fazenda tão bem quanto o seu nariz, o Lobo escolheu a trilha mais curta. Assim, chegou primeiro à casa da vovó ovelha e bateu à porta, delicadamente.

– Quem é?, perguntou a ovelhinha avó.

– Sou eu, sua netinha, disfarçou o Lobo.

A boa ovelhinha velhinha respondeu:

– Puxe a porteira!



O Lobo entrou e, com um só pulo, devorou a pobre vovozinha, antes que ela pudesse berrar. Em seguida, fechou a porta. Enfiou-se embaixo das cobertas e ficou à espera da Ovelhinha Vermelha, que perdeu a aposta e chegou muito tempo depois.



– Vovozinha, cheguei!
– Estou aqui na cama, minha netinha, disse o Lobo afinando a voz.

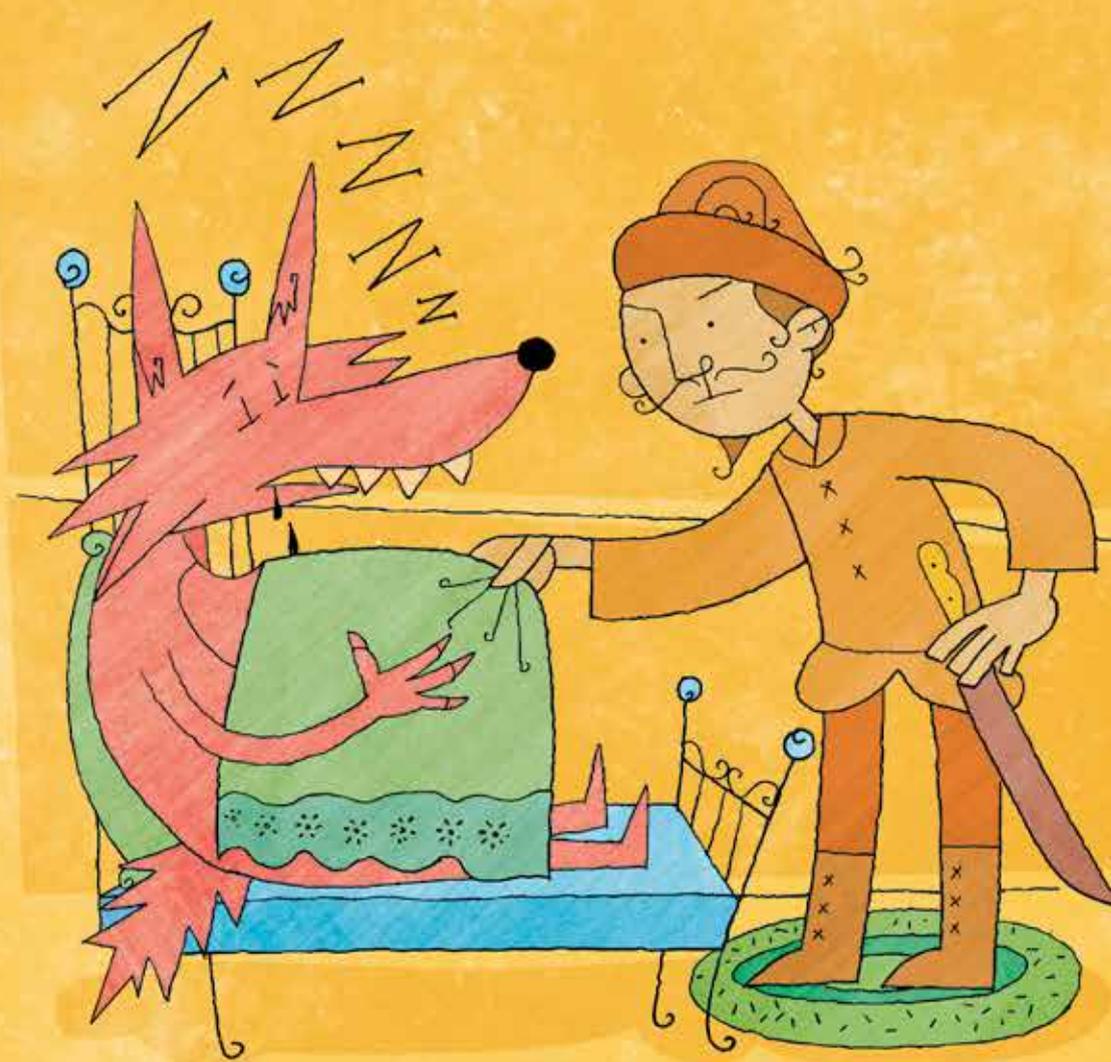
Quando entrou no quarto, Ovelhinha Vermelha estranhou o tamanho da avó, uma vovó ovelha não é tão grande, e foi logo perguntando:

– Oh, vovozinha, que olhos grandes são esses?
– São para enxergar também no escuro!
– Oh, vovozinha, que orelhas compridas são essas?

- São para ouvir tudo, queridinha!
- Oh, vovozinha, e essa boca enorme?
- É para engolir você também!

Num só movimento, o Lobo Mau deu um pulo e comeu a pobre Ovelhinha Vermelha.

Satisfeito, uivou o Lobo. E foi tirar uma soneca.



Depois de alguns minutos, já roncava alto.

O fazendeiro, dono das ovelhas, ouviu um ronco ensurdecedor e correu para o curralzinho da vovó ovelha. Chegando lá, viu o Lobo, que dormia como uma pedra, com um enorme barrigão se mexendo, e pensou: “Aposto que este danado comeu a vovó ovelha!”. De súbito, pegou o facão e, bem devagar, começou a cortar a barriga do Lobo.

Quando abriu a barriga, o fazendeiro tomou um susto. Lá estava também a Ovelhinha Vermelha, sua ovelhinha predileta. Em seguida, costurou a barriga do Lobo. Os três se esconderam entre as árvores e aguardaram o Lobo acordar.

De repente, o Lobo acordou, viu que a barriga estava vazia e uivou danado de raiva:

– Auuuuuuuuuuu! Auuuuuuuuuuuuu!



O fazendeiro despediu-se da vovozinha e foi levar Ovelhinha Vermelha para casa pela trilha da vila. Chegando à vila, comprou para Ovelhinha um lindo chapeuzinho vermelho. E assim, a partir daquele dia, todas as crianças do Cariri começaram a chamar a Ovelhinha de Chapeuzinho Vermelho.

Entrou pela perna do pinto, saiu pela perna do pato e você rec conte quatro!

AUTORA E ILUSTRADOR



Amália Simonetti

Quando eu estava aprendendo a ler e escrever, tinha a idade de vocês e morava em Açú, cidade em que nasci, no interior do Rio Grande do Norte. Minha professora Zezé Medeiros contava muitas histórias para nossa turma e pedia que a gente também contasse. Isso era muito bacana. Lembro que ela me estimulava quando eu escrevia palavras no chão, com carvão. Nessa época era bem legal, eu brincava muito na calçada, na rua e no quintal; era encantador subir no pé de umbu. Adorava tomar banho no rio Açú, mas nunca aprendi a nadar. À noite, as nossas vizinhas Bibi e Alice apresentavam teatro de sombras para toda a meninada da rua. Mas o que eu gostava mesmo era de ouvir histórias. Minha tia-avó, minha avó e minha mãe me contavam super-histórias e me mostraram o caminho mágico da imaginação... Elas começavam sempre assim: *era uma vez...*



Daniel Diaz

Ilustrador e *designer* gráfico, nasceu em Fortaleza, no Ceará, em 1976. A maior parte de sua produção é destinada ao público infantil. Prova disso é que, em 2005, ele ilustrou e organizou o projeto gráfico do livro ganhador do prêmio de melhor obra infantil, concedido pela Secretaria da Cultura do Ceará, que também fez jus ao selo de Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Participou da concepção e coordenação do I Festival Internacional de Ilustradores do Ceará e da Exposição Ilustração – Mil e uma Utilidades, evento anexo à VII Bienal Internacional do Livro do Ceará de 2006. Atualmente, toca projetos editoriais, participa de ações educacionais e ainda encontra fôlego para ilustrar e escrever o *blog* www.outrosdiaz.blogspot.com

